

Pain in the elderly

Dor no idoso

DOI 10.5935/1806-0013.20150031

O envelhecimento da população humana é fenômeno recente na história da humanidade e vem ocorrendo em velocidade crescente nos últimos 50 anos, já não mais se limitando aos países desenvolvidos, mas tornando-se um fenômeno mundial, trazendo consigo morbidades específicas da idade e outras que se tornam mais frequentes com o envelhecer. A dor faz parte da segunda categoria e ocorre em pessoas mais velhas com maior frequência que em indivíduos mais jovens¹.

Na população idosa, a prevalência de dor é bastante elevada, variando entre 25 e 80%¹. Entre idosos residentes na comunidade, a prevalência varia entre 25 e 52%^{1,2} e em residentes de clínicas de longa permanência, a prevalência é ainda mais alta, sendo que 45 a 80% são portadores de dor moderada ou intensa e se encontram subtratados^{3,4}. Esses idosos provenientes da comunidade e de clínicas de longa permanência apresentam comumente várias etiologias de dor, e a presença de alteração cognitiva, sensorial e incapacidade de várias origens dificulta ainda mais a avaliação e diagnóstico das síndromes álgicas⁵.

As dores agudas e crônicas são grandes obstáculos para a obtenção de melhor qualidade de vida e, no idoso é uma das mais importantes causas de morbidade, pois se relacionam fortemente à incapacidade de manutenção de uma vida mais saudável e independente, devido às limitações funcionais importantes, mesmo para atividades simples diárias, como a locomoção⁶.

Neste número da Revista Dor, os autores Santos et al.⁷ abordaram a questão da dor em pacientes idosos, estimando a prevalência de dor crônica entre mais de 300 pacientes longevos com independência funcional de uma comunidade em São Paulo, avaliando suas características e correlacionando a dor crônica com os níveis séricos de vitamina D. Observaram alta prevalência de dor crônica, mas, de modo interessante, menor que outros estudos de dor em idosos. Apesar do número expressivo de pacientes com hipovitaminose, não foi possível observar uma correlação entre baixos níveis séricos de vitamina D e dor crônica.

Este estudo traz à luz a problemática das síndromes dolorosas nessa população em uma nação com um contingente crescente de idosos e longevos, nos mostrando claramente que conhecer a dor e promover analgesia para esses pacientes são grandes desafios. A necessidade de estudos nessa população é uma premissa indiscutível e ainda permanecerá por algum tempo, especialmente em países com déficit de avaliação nessa área.

Hazem Adel Ashmawi

Livre-Docente pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Supervisor da Equipe de Controle da Dor da Divisão de Anestesia do Hospital das Clínicas da FMUSP

REFERÊNCIAS

1. Helme RD, Gibson SJ. Pain in older people. In: Crombie, IK, Croft PR, Linton SJ, et al, eds. Epidemiology of Pain. Seattle; IASP Press: 1999. 103-12p.
2. McCarthy LH, Bigal ME, Katz M, Derby C, Lipton RB. Chronic pain and obesity in elderly people: results from the Einstein aging study. J Am Geriatr Soc. 2009;57(1):115-9.
3. Ferrell BA. Pain evaluation and management in the nursing home. Ann Intern Med. 1995;123(9):681-7.
4. Bernabei R, Gambassi G, Lapane K, Landi F, Gatsonis C, Dunlop R, et al. Management of pain in elderly patients with cancer. SAGE Study Group Systematic Assessment of Geriatric Drug Use via Epidemiology. JAMA. 1998;279(23):1877-82.
5. Sengstaken EA, King SA. The problems of pain and its detection among geriatric nursing home residents. J Am Geriatr Soc. 1993;41(5):541-4.
6. Andrews JS, Senzer IS, Yelin E, Covinsky KE. Pain as a risk factor for disability or death. J Am Geriatr Soc. 2013;61(4):583-9.
7. Santos FC, Moraes NS, Pastore A, Cendoroglo MS. Dor crônica em idosos longevos: prevalência, características, mensurações e correlação com nível sérico de vitamina D. Rev Dor. 2015;16(3):171-5.